

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS

ERVELLEY MOREIRA CARDOSO DOS SANTOS

**ASSISTÊNCIA À SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS:  
POSSIBILIDADES DA TERAPIA OCUPACIONAL**

MENTAL HEALTH CARE FOR UNIVERSITY STUDENTS: POSSIBILITIES OF  
OCCUPATIONAL THERAPY

São Carlos  
2021

Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

**ASSISTÊNCIA À SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: POSSIBILIDADES DA  
TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de graduanda em Terapeuta Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernanda B. Cid

Data da defesa: 03 de dezembro de 2021

Avaliação realizada por: Dra. Teresinha Cid Constantinidis

São Carlos

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS

**Folha de aprovação**

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS</p> <p>Centro de Ciências Biológicas e da Saúde</p> <p>Departamento de Terapia Ocupacional</p> <p>Coordenação do Curso de Terapia Ocupacional</p>
---	---

## **ANEXO 2: Roteiro para análise de Trabalho de Conclusão de Curso**

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: ASSISTÊNCIA À SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS:POSSIBILIDADES DA TERAPIA OCUPACIONAL

Aluna/o: ERVELLEY MOREIRA CARDOSO DOS SANTOS

Orientadora/or: MARIA FERNANDA BARBOZA CID

Parecerista: TERESINHA CID CONSTANTINIDIS

### **Itens para análise:**

Análise dos objetivos do trabalho (se estão bem definidos, bem justificados, se são relevantes para a área da Terapia Ocupacional, se são pertinentes para um Trabalho de Conclusão de Curso) Comente.

*Trata-se de trabalho de relevância para a Terapia Ocupacional, já que a saúde mental de estudantes universitários tem sido foco de preocupação social pela elevada prevalência de transtornos mentais entre este grupo de jovens. Parte da premissa que a Terapia Ocupacional tem importância no desenvolvimento de ações de promoção e cuidado à saúde física e mental do estudante. A partir daí, apresenta, de forma definida e clara, o objetivo de identificar junto a terapeutas ocupacionais, experientes no trabalho na atenção em Saúde mental de estudantes universitários, as possibilidades da terapia ocupacional neste contexto. A proposta do estudo, assim como o desenvolvimento da pesquisa e a qualidade do produto apresentado, mostra-se pertinente a um trabalho de conclusão de curso de graduação em Terapia Ocupacional.*

Análise dos referenciais teóricos utilizados (pertinência ao tema abordado, atualidade, coerência e aprofundamento). Comente.

*O estudo apresenta revisão da literatura científica nacional sobre estudos atuais que abordam a saúde mental de estudantes universitários, assim como articulação, realizada de forma coerente com o campo de atuação da terapia ocupacional.*

Análise dos métodos e procedimentos empregados (se respondem aos objetivos, e se estão bem descritos). Comente.

*Foi utilizado o método qualitativo, com entrevistas a seis terapeutas ocupacionais atuantes*

*no campo da temática da pesquisa. Tal método, instrumentos e participantes, assim como os procedimentos descritos, mostraram-se adequados para atingir os objetivos da pesquisa.*

Avaliação sobre as reflexões, resultados e considerações apontadas pelo trabalho. Comente.

*É realizada a análise de conteúdo na modalidade temática, apresentando a tematização de forma coerente com o material das entrevistas, apresentado nos trechos de falas das participantes. A discussão é sustentada pela articulação com a produção científica recente, com destaque a análises de questões referentes à potencialidades e desafios do trabalho do terapeuta ocupacional nesta área, na efetivação de suas ações. Os resultados, as análises e as considerações respondem aos objetivos propostos e abrem perspectivas para novas pesquisas sobre o tema.*

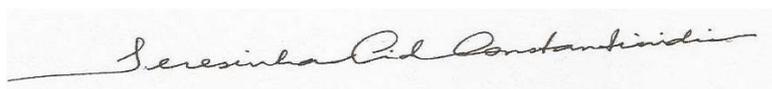
**Comentários gerais sobre o Trabalho de Conclusão de Curso:**

*O trabalho de conclusão de curso apresentado é de relevância para conhecimento do trabalho da terapia ocupacional nas ações de atenção à saúde mental da/do estudante universitário e colabora para divulgação do trabalho da terapia ocupacional no campo da saúde mental. O estudo destaca as ações da terapia ocupacional no plano macro-contextual e a relação da profissão com as práticas integrativas e complementares em saúde, terrenos bastante férteis que necessitam ser explorados na prática de terapeutas ocupacionais e na produção de conhecimento.*

*Parabenizo a aluna e a orientadora por apresentarem um trabalho de conclusão de curso que além explorar e descrever o trabalho de terapeutas ocupacionais na atenção à saúde mental de estudantes universitários, traz questionamentos importantes a serem desenvolvidos em futuros estudos e, com isso, trazendo contribuições importantes para a terapia ocupacional.*

**Data: 29 de novembro de 2021**

**Assinatura do parecerista:**



Eu dedico esse trabalho a minha mãe e meu pai que sempre acreditaram em mim e investiram energias em suas vidas para que eu pudesse ingressar e permanecer na faculdade. Também dedico a todos os meus colegas e amigos pelo qual acompanhei as dificuldades dessa nova trajetória que é a universidade em suas vidas, foi a partir do afetar-se com seus corpos que tracei caminhos para conhecer as potencialidades da terapia ocupacional no cuidado com o sofrimento psíquico com os universitários.

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi possível existir porque muitas pessoas permitiram que eu pudesse existir e assim produzir aquilo que faz sentido pra mim. Em primeiro lugar gostaria de agradecer imensamente a minha mãe, que mesmo diante das dificuldades que vivenciou sempre impulsionou meu corpo a acreditar nas minhas capacidades. Agradeço por ter me ensinando a ser corajosa, mesmo quando as coisas ficavam e permaneciam difíceis, me ajudando a enfrentar situações delicadas e me incentivando a continuar de cabeça erguida. Sou grata por cada momento de escuta, elogio, discussão, cuidado e atenção que teve comigo, pelo reconhecimento do meu esforço em desejar ser alguém cada vez melhor, pela constante preocupação que tinha comigo depois que precisei morar longe para estudar e em me receber com tanto carinho nas voltas pra casa, me lembrando sempre que ali ainda era meu lar. Foi difícil perder você antes de finalizar essa grande conquista mãe, mas saiba que foi por você que eu não desisti. Agradeço ao meu pai pelo trabalho contínuo que fez e faz pra que eu possa existir nesse mundo. Pelo cuidado de estar sempre presente e disposto a conversar. Aprendi com você pai a usar de uma boa comunicação para resolver conflitos nas minhas relações. Agradeço pelo carinho em formas de elogios e paciência que me permitiram ser quem eu sou e desejo ser. Agradeço também às minhas irmãs, Joice por ser tão afetiva e sempre se colocar à disposição para me acolher em momentos difíceis e celebrar comigo cada conquista, a Rejane por ser a pessoa que se preocupa e tem o cuidado de me incentivar a permanecer nos caminhos que acredito, a Sandra e a Elaine que a todo momento me ensinam sobre buscar e lutar pelo lugar e espaço que merecemos no mundo, enquanto uma mulher negra. Também agradeço aos afetos e cuidados da minha irmã caçula, a Victória, que possibilita espaços carregados de amorosidade para que eu possa compartilhar das minhas angústias. A todos os meus sobrinhos que tanto amo, em especial a Lauany que é observadora e atenciosa e que busca ter cuidado com as palavras, me ensinando sobre as possibilidades de ter uma boa comunicação sendo uma boa ouvinte, ao Richardy, um menino gentil, criativo e esperto que tem desde pequeno o gosto pela criação/construção do que é novo, me provocando reflexões sobre a importância dos deslocamentos, a Pietra que questiona seu lugar no mundo e me atravessa com suas bonitas afirmações sobre o valor da diversidade para que todos possam existir, ao Jony meu menino gentil e atencioso que me ensina sobre a ter esperança e de nos olhar com mais carinho, Larissa que tem a coragem de sustentar aquilo

que acredita, me inspirando e fortalecendo os caminhos que fazem sentido pra mim, sendo minha rede de suporte antes e durante a graduação.

Também agradeço às pessoas que tive o prazer de encontrar nesse caminho da graduação, que se tornaram a minha terra nutritiva. Como a Flor, a mulher que transborda sensibilidade no agir, transformando os espaços a partir da sua fala, escrita e existência no mundo, quem tem a delicadeza na presença, na escuta, no diálogo, quem espalha sementes e acompanha os processos de germinação, com ela aprendo a respeito das minhas capacidades e possibilidades de encontrar-se, dá importância dos tempos nos acontecimentos, é a minha rede-casa de balanço mais bonito, é quem fertiliza meus espaços e os preenche de sentido. Edmeia Silva, a pessoa que existe de maneira poética, que me provoca intensas reflexões e lindos deslocamentos. A Letícia Fonseca, sempre atenta aos espaços, processos e cuidados na escuta que me estimula ao reconhecimento dos meus valores no mundo. A Ketlin, que diante das sutilezas me encorajava a falar o que pensava e sentia. A Beatriz Borges, com a sua linda energia e afetos calorosos que dedicava tempos para me acolher em momentos difíceis em sala de aula. A Giulia, com seu olhar e corpo atento, que tem a linda habilidade de criar um espaço seguro, confortável e acolhedor, com ela aprendi sobre responsabilidade, compromisso e cuidado no acolhimento. A Ana Carolina, que é vento, leveza, transparência, com ela encontro espaços de generosidade, companheirismo e muito engajamento no que se é produzido. A Beatriz Pugliero, que tem a energia de impulsionar o meu corpo a acreditar nas minhas capacidades. Tainá, que na minha vida é o lugar do pouso, da tranquilidade, de quem tem o cuidado constantemente na fala, no modo que expressa o seu corpo no mundo, é quem me promove reflexões sobre tudo aquilo que faço e o quanto disso tudo faz sentido pra mim. Ao meu amigo Rodrigo que sempre investiu energias para que eu não desistisse no meio do caminho. A minha amiga Isabela que já se disponibilizou a conversar comigo por horas durante as madrugadas de estudos. A Wevele Samara, que acompanhou as minhas inquietações com o sofrimento dos estudantes universitários e o meu desejo de entender as ações da terapia ocupacional como um caminho possível para acolher as demandas do estudantes. A Tamara, minha companheira que viabiliza espaços de escuta e construção de diálogos que torna possível o exercício de me reconhecer no lugar de quem merece colher os frutos que plantei. Agradeço a equipe do Pet Usina de Reflexão, pelo apoio e compreensão em momentos delicados que precisei perante as situações adversas durante a graduação em que fui petiana. Também sou grata ao acolhimento dos grupos de estudos do AFETO e

AAAfroNTO, que me trouxeram momentos de respiro e encorajamento para dar continuidade aos estudos. Agradeço às minhas professoras, em especial a Fernanda, minha orientadora, que foi a pessoa que me acolheu e compreendeu aquilo que tive dificuldade de verbalizar sobre os meus interesses de estudo na pesquisa e construir junto comigo os caminhos possíveis para que ela seja realizada e finalizada, nesse processo existiram muitos momentos de respeito, pausas e respiro diante de situações difíceis. A Carlinha por acreditar nas minhas potencialidades e ser sopro de vida, que me faz existir nos espaços que está presente. A Sabrina que me apresentou os caminhos da terapia ocupacional no campo da saúde mental que me provocou compreensões a respeito dos cuidados da terapia ocupacional como possibilidade de estar junto com os estudantes em sofrimento durante a graduação. Agradeço as participantes pela confiança, compromisso e disponibilidade de tempo para realizar os encontros e possibilitar que a pesquisa fosse construída, cada encontro, conversa e escuta me trouxe um sentimento de encantamento, satisfação e afirmação sobre a grandiosidade das ações da Terapia ocupacional nesse campo, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

## RESUMO

A juventude pode ser um período de maior vulnerabilidade socioemocional devido às mudanças nos papéis e desempenhos ocupacionais exercidos nos diferentes contextos de circulação desses sujeitos e à busca por autonomia e independência que se dá em resposta às expectativas sociais de uma determinada cultura e tempo histórico. (ANDRADE, 2010). Nessa direção, a entrada na universidade pode desencadear uma série de conflitos aos jovens que, muitas vezes se deparam com uma realidade bastante diversa em termos de rotinas, atividades, relações pessoais, distanciamento físico da família, o que podem interferir na forma como esses indivíduos encaram e resolvem os conflitos advindos desse contexto que, por sua vez, tem sido considerado como potencial produtor de sofrimento psíquico. Vale observar que a universidade passou a apresentar um importante papel social, com a política educacional, na constituição de 1988, a qual buscou assegurar o direito à educação para todos (ALBUQUERQUE, 2017; IMPERATORI, 2017; CHAVES e SILVEIRA, 2016). Nessa direção, diante da responsabilização da instituição para com o ingressante, bem como da complexidade envolvida na ocupação dos estudantes e sua relação com a universidade, a literatura têm apontado sobre a necessidade do desenvolvimento de ações de promoção e cuidado estratégico direcionadas a saúde física e mental de estudantes (ALBUQUERQUE, 2017). Entre os profissionais que podem estar presentes no desenvolvimento de tais estratégias, articulando redes, para que seja viabilizado a co-responsabilização do sujeito na comunidade que se localiza a instituição, bem como ações para promoção de saúde dos mesmos, está a/o terapeuta ocupacional. Considerando os apontamentos da literatura da saúde mental que têm sinalizado para a importância do planejamento e implementação de políticas públicas de atenção à saúde mental de estudantes universitários, bem como a escassez de pesquisas que focalizem a prática da terapia ocupacional neste cenário, o presente estudo teve como objetivo inicial, identificar, junto a terapeutas ocupacionais que trabalham ou já trabalharam na assistência à saúde mental de estudantes universitários sobre como percebem as possibilidades da terapia ocupacional nesse contexto. Dessa forma, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFSCar e participaram seis terapeutas ocupacionais com experiência prévia ou atual na assistência à saúde mental de estudantes universitários, identificadas a partir do método bola de neve. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semi-estruturadas a serem apresentadas aos participantes através de plataformas de vídeo-chamadas. As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados da pesquisa, foram organizados a partir da caracterização das participantes e a categorização de três grandes temáticas, levantadas a partir da análise de dados, que se apresentaram pelo: encontro das participantes com o campo, a terapia ocupacional no campo, que corresponde a suas práticas e o campo de atenção aos estudantes universitários, onde expõem sobre suas percepções a respeito do perfil de estudantes atendidos e o que vislumbra nesse serviço. O estudo apontou que as participantes reconhecem o campo como inovador de suas práticas indicando suas habilidades de contextualizar o sujeito na universidade, como diferencial para promover tanto ações intersetoriais de atenção aos estudantes, quanto o acompanhamento dos mesmos a partir de utilização de atividades coletivas e individuais, dentre as quais, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que se mostraram como um dos principais recursos adotados. As participantes apresentaram, ainda, suas percepções a respeito do serviço e as possibilidades da terapia ocupacional nesses espaços de cuidado ao estudante, que corrobora com a política de assistência estudantil que se preocupa com a permanência

dos estudantes universitários. Observa-se, assim, que o presente estudo apresenta elementos que podem ser levados em consideração na formulação de novas questões de estudo e, também, no desenvolvimento de planejamentos e estratégias de ação mais efetivas direcionadas à população de estudantes universitários que reconheçam a terapia ocupacional enquanto uma possibilidade de composição e criação de novas práticas de cuidado à saúde mental que fortaleçam a permanência dos estudantes nesse período de suas vidas.

**Palavras-chaves:** Saúde Mental; Terapia Ocupacional; Estudantes Universitários

## ABSTRACT

Youth can be a period of greater socioemotional vulnerability due to changes in occupational roles and performances performed in the different contexts of circulation of these subjects and the search for autonomy and independence that occurs in response to the social expectations of a particular culture and historical time (ANDRADE, 2010). In this sense, entering university can trigger a series of conflicts for young people who are often faced with a very different reality in terms of routines, activities, personal relationships, and physical distance from the family, which can interfere in the way these individuals face and solve the conflicts arising from this context that, in turn, has been considered as a potential producer of psychological suffering. It is worth noting that the university began to present an important social role, with the educational policy, in the 1988 constitution, which sought to ensure the right to education for all (ALBUQUERQUE, 2017; IMPERATORI, 2017; CHAVES and SILVEIRA, 2016). In this direction, in view of the institution's accountability towards the entrant, as well as the complexity involved in the students' occupation and their relationship with the university, the literature has pointed out the need for the development of actions of promotion and strategic care directed to the physical and mental health of students (ALBUQUERQUE, 2017). Among the professionals who can be present in the development of such strategies, articulating networks, so that the co-responsibility of the subject in the community where the institution is located, as well as actions to promote their health, is the occupational therapist. Considering the notes in the mental health literature that have signaled the importance of planning and implementing public policies for mental health care of college students, as well as the scarcity of research that focuses on the practice of occupational therapy in this scenario, the present study had as its initial objective to identify, together with occupational therapists who work or have worked in mental health care of college students, how they perceive the possibilities of occupational therapy in this context. Thus, the research was approved by the Committee for Ethics in Research on Human Beings of UFSCar and six occupational therapists with previous or current experience in mental health care of college students, identified from the snowball method, participated. Data were produced by means of semi-structured interviews to be presented to the participants through video call platforms. The interviews were transcribed in full and analyzed using the thematic content analysis technique. The research results were organized based on the characterization of the participants and the categorization of three major themes, raised from the data analysis, which were presented by: the participants' encounter with the field, occupational therapy in the field, which corresponds to their practices and the field of attention to college students, where they expose their perceptions about the profile of students assisted and what they envision in this service. The study pointed out that the participants recognize the field as innovative in their practices, indicating their ability to contextualize the subject at the university as a differential to promote both intersectoral actions of care to students and the monitoring of students through the use of collective and individual activities, among which the Integrative and Complementary Health Practices (IPCPs) have shown to be one of the main resources adopted. The participants also presented their perceptions about the service and the possibilities of occupational therapy in these student care spaces, which corroborates the student assistance policy that is concerned with the permanence of university students. Thus, it is observed that the present study presents elements that can be taken into consideration in the formulation of new study questions and also in the development of more effective planning and action strategies directed at the population of college students that

recognize occupational therapy as a possibility of composition and creation of new mental health care practices that strengthen the permanence of students in this period of their lives.

**Keywords:** Mental Health; Occupational Therapy; University Students

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Dados gerais das participantes.....	15
<b>Tabela 1.2</b> Experiências anteriores e atuais de atuações profissionais das participantes.....	16

## LISTA DE ABREVIATURAS

PNAES	- Plano Nacional de Assistência Estudantil
PICS	- Práticas Complementares em Saúde
FONAPRACE	- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
1.1. Objetivo Geral	
1.2. Objetivos específicos	
<b>2. MÉTODO .....</b>	<b>15</b>
2.1. Participantes	
2.2. Local	
2.3. Instrumentos	
2.4. Aspectos Éticos	
2.5. Procedimentos	
2.5.1 Identificação e localização das participantes	
2.6. Elaboração do Roteiro de entrevista semi-estruturado	
2.7. Coleta de dados	
2.8. Análise de dados	
<b>3. RESULTADOS .....</b>	<b>18</b>
3.1. Caracterização das participantes do estudo	
3.2. Resultados advindos das entrevistas com as participantes	
3.3. O encontro das participantes com o campo	
3.3.1 Caminhos por demanda da gestão	
3.3.2 Caminhos pelo processo de formação	
3.4. Terapia Ocupacional no Campo	
3.4.1 O que as Terapeutas Ocupacionais fazem na atenção à saúde mental de estudantes universitários?	
3.4.2 Práticas Integrativas: um recurso potente da Terapia Ocupacional	
3.4.3 Diferenciais e potencialidades da Terapia Ocupacional nesse campo	
3.5. O Campo de atenção aos estudantes universitários: perfil de usuários e possibilidades futuras	
3.5.1 Perfil da demanda atendida	
3.5.2 Relatos sobre como deveria ser um serviço de atenção à saúde mental para esse público, na percepção das participantes	
<b>4. DISCUSSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo a saúde foi compreendida como ausência de doença, atualmente, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2001), ela é reconhecida como “estado de completo bem-estar físico, mental e social”, tendo em vista a identificação dos determinantes sociais como fatores importantes.

Segundo Amarante (2017), em relação à saúde mental, existe uma importante discussão que deve ser feita, a respeito da sua definição. O autor aponta que a saúde mental não se configura apenas como um campo de conhecimento complexo, que envolve diferentes saberes, mas também parte de uma concepção de normalidade. No entanto, a classificação de bem-estar psíquico, no qual se tem a busca da normalidade favorece a promoção de lógicas reducionistas e a impossibilidade da valorização da subjetividade dos sujeitos (AMARANTE, 2017). Desse modo, o autor aponta que é preciso estar atento às categorizações, valorizando as diferentes perspectivas para fins de novas estratégias de cuidado que não recorram a lógica da patologização e individualização da saúde mental, no qual podem ser identificadas em diferentes períodos do desenvolvimento humano.

Focalizando a juventude, de acordo com Andrade (2010), a transição para a vida adulta e as mudanças nos papéis e desempenhos ocupacionais, a partir da busca pela autonomia e independência, são identificados como processos de instabilidades sociais e psicológicas, em vista das novas experiências na formação da identidade e a elaboração do projeto de vida. As mudanças, quando na ausência de suporte, podem ser capazes de potencializar reações autodestrutivas, diante de situações-problemas, tendo em vista as novas interações sociais e o desenvolvimento psicológico. Nesse contexto, a entrada na universidade pode desencadear uma série de conflitos aos jovens que, muitas vezes se deparam com uma realidade bastante diversa em termos de rotinas, atividades, relações pessoais, distanciamento físico da família, o que podem interferir na forma como esses indivíduos encaram e resolvem os conflitos advindos desse contexto que, por sua vez, tem sido considerado como vulnerável para o desenvolvimento do sofrimento psíquico.

No que se refere ao contexto universitário, vale a pena apontar que a universidade passou a apresentar um importante papel social, com a política educacional, na constituição de 1988, a qual buscou assegurar o direito à educação para todos (ALBUQUERQUE, 2017; IMPERATORI, 2017; CHAVES e SILVEIRA, 2016). Diferente da ideologia por trás da reforma universitária de 1968, no período da ditadura, no qual houve o aumento da

quantidade de universidades privadas e a responsabilização de ordem individual do sujeito frente ao seu ingresso no ensino superior (ALBUQUERQUE, 2017), em que por muitas vezes impossibilitava a entrada daqueles em condições financeiras desfavoráveis.

No entanto, de acordo com Albuquerque (2017), foi a partir do governo de Lula e Dilma (2001 a 2016), que foram criados, efetivamente, programas que fortaleceram a política de educação para todos no ensino superior, propondo a construção do

“Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), mudanças no Programa Universidade para Todos (PROUNI) e no Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)”. (ALBUQUERQUE, 2017, p.68)

Tais ações possibilitaram a abertura de novas vagas e a entrada de pessoas que apresentam baixa renda no ensino superior, oportunidade antes pouco vivenciada por populações marginalizadas. Somado a essas condutas, foi criada a política de cotas raciais, que viabilizou a entrada de negros na universidade, com a intenção de promover reparação histórica aos efeitos do período da escravidão. No entanto, antes mesmo de tais ações propostas pelo então governo, que ampliaram o acesso de pessoas em situação de vulnerabilidade social na universidade, já pensava-se na política de assistência e permanência estudantil (ALBUQUERQUE, 2017)

Assim, segundo Albuquerque (2017), com a proposta de conhecer instrumentos viáveis para a construção de uma assistência aos estudantes que possibilitasse sua permanência no espaço universitário, foi criado em 1987 o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários (FONAPRACE). Este fórum promoveu diferentes pesquisas a respeito das assistências estudantis das universidades brasileiras, viabilizando o esclarecimento das principais demandas presentes e acentuando as ações que o Programa Nacional de Assistência Estudantil deve atentar-se (ALBUQUERQUE, 2017).

Além dos estudos promovidos pela FONAPRACE a fim de avaliar o perfil dos discentes nas universidades e construir políticas voltadas para essa população, existem estudos que relatam os desafios encontrados na permanência dos estudantes (CHAVES e SILVEIRA, 2018). Dessa maneira os obstáculos encontrados na política de assistência ao estudante, apontam de forma geral, como um dos principais fatores, a condição financeira para manter-se na universidade compondo as necessidades de moradia, alimentação,

transporte e lazer (ALBUQUERQUE, 2017; CHAVES e SILVEIRA, 2018). Assim, alguns estudos têm apontado que muitos estudantes evadem pela dificuldade em conciliar a rotina universitária e a necessidade de exercer o trabalho remunerado (FREDENHAGEM et al., 2012; MACHADO; PAN, 2016).

Além disso, o distanciamento da família, e a dificuldade na adaptação a um espaço social e culturalmente diferentes da cidade de origem dos ingressantes, que muitas vezes moram em cidades ou países distantes da instituição no qual estudam, também são apontados como desafios para permanência estudantil (GIRARDI e MARTINS-BORGES, 2017). A universidade é um espaço em que se busca ascensão social, mas para além de uma característica social, a instituição deve atentar-se ao desenvolvimento desses ingressantes que podem estar mais suscetíveis a desenvolver sofrimento psíquico diante das exigências de uma nova fase de suas vidas.

Referente aos indicativos de depressão e ansiedade entre os estudantes universitários, Leão, et al (2018) demonstram em seu estudo que aqueles que estão insatisfeitos com o curso, apresentam maior chance de apresentarem depressão que aqueles que estão satisfeitos. Além de evidenciar como fatores de riscos para o desenvolvimento de problemas relativos à saúde mental: relação insatisfatória com familiares e amigos, tempo indisponível para realização de atividades físicas, bem como baixa quantidade de sono e apreensão com o futuro.

O estudo de Bolsoni-Silva e Loureiro (2016) destaca a depressão como aspecto importante a considerar no impacto das habilidades sociais. Assim, as autoras buscam comparar as habilidades sociais e a compreensão dos efeitos nas relações pessoais de universitários com e sem depressão. As autoras observaram que o grupo que tem depressão apresenta menor capacidade de comportamentos ativos frente a solução de problemas, o que pode vir a potencializar o sofrimento psíquico diante da inabilidade de ações promotoras de transformação.

Percebe-se também, segundo o estudo de Júnior e col. (2016) que a discriminação é um importante disparador de repercussões negativas entre os estudantes universitários. Neste estudo foi utilizado subclasses para análise de diferentes percepções de discriminações vivenciadas por estudantes na Unicamp, além de identificar sintomas mentais e comportamentais no grupo em estudo. Diante de dois grupos, separados pela classificação de cor auto-referida de branco ou negro/pardo, o último grupo apresentou maior índice de depressão, assim como vivências discriminatórias mais presentes, em relação a cor da pele e

desempenho acadêmico. Estes, por sua vez, também demonstraram comportamentos de riscos significativos, após o consumo de álcool e uso de substâncias ilícitas.

Pensando nisso, Girardi e Martins -Borges (2017) realizaram um estudo que discute características presentes no sofrimento psíquico de estudantes universitários estrangeiros, vinculados a uma universidade localizada na cidade de Florianópolis. Os autores utilizam três subcategorias temáticas de sofrimento psíquico para a análise, sendo eles: sintomas físicos, manifestações sociais e sintomas psicológicos. Em relação aos sinais físicos, todos os 15 participantes apresentaram alguma queixa física presente no seu dia a dia, onde tais manifestações passam a estar presentes após a imigração dos estudantes, frente a um novo cenário cultural em suas vidas. Os aspectos sociais, estavam associados aos conflitos presente nas diferenças culturais, onde a falta de acolhimento e a discriminação eram marcadores e potencializadores para o isolamento social. Quanto aos fatores psicológicos, a experiência de conviver em um novo ambiente, com baixa receptividade, torna a vinculação com o atual contexto insustentável. Assim, as três esferas analisadas apontam para eventos conflituosos, que demandam ajustes físicos e comportamentais pelos estudantes, para ser possível a sua continuidade no espaço universitário.

Leão, et al (2018), buscou avaliar em seu estudo o predomínio e os fatores relacionados à depressão e ansiedade aos estudantes da área da saúde, de um Centro Universitário do Ceará. Destacando as mulheres como as que mais vivenciam a experiência do sofrimento psíquico na universidade, tendo em vista a predominância dos resultados de depressão e ansiedade no sexo feminino. Outros estudos semelhantes a estas constatações também apontaram estudantes universitárias como grupo que mais apresenta manifestações de sofrimento psicológico (ADOVANI et al., 2014; NEVES, DALGALARRONDO, 2007).

Diante dos estudos retratados, a presença da depressão e ansiedade em estudantes universitários passa a desencadear comprometimentos em suas habilidades sociais, sendo que os motivos não estão envolvidos somente com a adaptação de um novo contexto sociocultural, mas também com marcadores sociais, como a presença de imigrantes, vindos de países subdesenvolvidos; relações étnicas raciais, onde se apresenta a discriminação com pessoas auto declaradas negro/pardo e gênero, apontando as mulheres como prevalentes em vista do sofrimento psíquico.

Nessa direção, diante da responsabilização da instituição para com o ingressante, bem como da complexidade envolvida na ocupação dos estudantes e sua relação com a

universidade, a literatura têm apontado sobre a necessidade do desenvolvimento de ações de promoção e cuidado estratégico direcionadas a saúde física e mental de estudantes (ALBUQUERQUE, 2017). Entre os profissionais que podem estar presentes no desenvolvimento de tais estratégias, articulando redes, para que seja viabilizado a co-responsabilização do sujeito na comunidade que se localiza a instituição, bem como ações para promoção de saúde dos mesmos, está a/o terapeuta ocupacional.

Pela resolução do Coffito que Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais

“Art. 2º O terapeuta ocupacional, no âmbito de sua atuação, é profissional competente para estabelecer a diagnose, avaliação e acompanhamento do histórico ocupacional de pessoas, famílias, grupos e comunidades, por meio da interpretação do desempenho ocupacional dos papéis sociais contextualizados.” (Resolução Nº 383, de 22 de dezembro de 2010)

“ Art. 6º O terapeuta ocupacional, no âmbito de sua atuação, planeja e executa atividades orientadas para a participação e facilitação no desempenho ocupacional e expressivo de pessoas: com deficiência, com processos de ruptura de rede, de risco, desvantagem e vulnerabilidade social nos diversos ciclos de vida.”(Resolução Nº 383, de 22 de dezembro de 2010)

Tais habilidades apontadas, viabiliza a atuação do terapeuta ocupacional na promoção de saúde mental dos estudantes universitários, uma vez que se preocupa com o suporte social, que está diretamente relacionado com o cuidado e o desempenho das ocupações desses estudantes. Além disso, pela definição do coffito, o profissional terapeuta ocupacional no contexto escolar, é profissional capacitado para atuar nas instituições de ensino superior.

“Art. 9º – Atuação do Terapeuta Ocupacional especialista em Contexto Escolar se caracteriza pelo exercício profissional em todas as modalidades, etapas e níveis de ensino, em todas as fases do

desenvolvimento ontogênico, com ações de prevenção, promoção, proteção, educação, intervenção, oferecidos ao estudante e comunidade educativa” (RESOLUÇÃO Nº 500, DE 26 DE DEZEMBRO DE 2018)

A terapia ocupacional também é definida pela World Federation of Occupational Therapy (2012), como

Uma profissão da área da saúde, que visa promover a saúde e o bem-estar por meio da ocupação, tendo como principal intenção viabilizar a participação das pessoas nas atividades do cotidiano. Assim, os terapeutas ocupacionais buscam intervir não só com a pessoa, mas com a comunidade no qual o sujeito está inserido, o ambiente e suas ocupações, com objetivo de alcançar melhor envolvimento ocupacional (tradução nossa).

As ocupações referem-se às atividades cotidianas significativas presentes na vida dos indivíduos, o que inclui suas necessidades e desejos (WFOT, 2019). Sendo assim, a terapia ocupacional tem em suas ações, a prevenção, promoção, articulação e tratamento para aqueles que estão com suas funções ocupacionais comprometidas, características essas que podem estar presentes no cotidiano do estudante universitário. Logo, diante das inúmeras dificuldades encontradas pelos estudantes universitários que podem acarretar o sofrimento psíquico e conseqüentemente baixo desempenho em seus papéis ocupacionais, este trabalho teve por intenção investigar quais seriam as contribuições práticas e teóricas que a terapia ocupacional pode oferecer como estratégias de cuidado em saúde mental junto a população de estudantes universitários.

Como já dito, a terapia ocupacional tem como um de seus objetivos viabilizar a participação social do indivíduo, o que implica pensar aspectos físicos, sociais e culturais a respeito do comprometimento que envolve o indivíduo em suas ocupações e relações. Assim, diante dos possíveis conflitos vivenciados por estudantes universitários, relacionados às questões socioculturais, tais como a adaptação a um novo contexto, em conjunto com possíveis dificuldades nas relações pessoais e nos aspectos econômicos, tendo em vista, por exemplo os desafios na conciliação do tempo de estudo com o trabalho, que configuram

problemas relacionados à permanência estudantil, observa-se espaço para o desenvolvimento de intervenções da terapia ocupacional.

Pretendendo focalizar a complexidade dos diferentes fatores que desencadeiam o sofrimento de estudantes universitários, Hahn (1994), na década de 1990, desenvolveu um estudo no qual propõe avaliar os eventos relacionados a saúde mental de estudantes universitários vinculados a um programa de Serviço de Orientação e Educação em Saúde (SOES), implantado na Universidade Federal de São Carlos, em 1990. A autora teve como objetivo, caracterizar o perfil, identificar as demandas em saúde mental da população universitária, suas ações em buscar ajuda e analisar os recursos utilizados para a intervenção. Seu estudo partiu da leitura e análise de prontuários do serviço, realizados nos anos de 1990 a 1993. Alguma das evidências encontradas no estudo a respeito do programa foi: o aumento da procura pelo serviço próximo do fim de semestre; problemas desencadeados por convívio na moradia estudantil; a maioria dos estudantes vinham de outra cidade; o maior número de busca foram feitas por mulheres; a predominância de “quadros de ansiedade, depressão reativa e/ou situacional e reações de ajustamento” (HAHN, 1994) e a escolha adequada pelo modelo teórico de psicoterapia breve, que se mostrou eficiente a proposta do programa.

Hahn (1994) ainda sugere a realização de estudos com estudantes que não procuram por atendimento, para fins de conhecer suas estratégias em lidar com o cotidiano na academia. Além disso, aponta o serviço presente como mais um campo de atuação para os terapeutas ocupacionais. Embora, terapeuta ocupacional, seja ausente, como agente de atenção à saúde dos estudantes universitários na literatura por ela estudada, dado que ainda se confirma na atualidade.

Ainda que exista a atuação de terapeutas ocupacionais na assistência a saúde mental dos estudantes universitários, atualmente, em pesquisa não sistematizada nas bases de dados disponíveis no portal do periódico da CAPES não foram encontradas publicações que abordassem a intervenção da terapia ocupacional nos serviços e atenção ao estudante universitário.

Assim, esse estudo se justifica, na medida na sua pretensão em contribuir para a maior compreensão a respeito das possibilidades da terapia ocupacional no contexto da

atenção aos estudantes universitários, levantando elementos que subsidiem novas práticas e pesquisas neste campo.

### **1.1 OBJETIVOS GERAIS**

O presente estudo teve como objetivo identificar, junto a terapeutas ocupacionais que trabalham ou já trabalharam na assistência à saúde mental de estudantes universitários sobre como percebem as possibilidades da terapia ocupacional nesse contexto.

### **1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar a percepção de terapeutas ocupacionais a respeito das principais demandas apresentadas por estudantes universitários;
- Identificar, junto aos terapeutas ocupacionais, suas percepções a respeito dos desafios e potências existentes na intervenção junto a esta população.

## **2. MÉTODO**

No presente estudo foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, de cunho descritivo exploratório. O método qualitativo tem como intenção investigar o objeto de estudo sem recorrer a procedimentos matemáticos, possibilitando o entendimento de fenômenos subjetivos, a partir da interpretação do objeto pelo autor e a consideração do contexto, em que o objeto de estudo está inserido (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A pesquisa exploratória teve como objetivo se aproximar do objeto de estudo e, conseqüentemente, analisá-lo com mais profundidade (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

### **2.1 Participantes**

Foram participantes do presente estudo, seis terapeutas ocupacionais que trabalham ou já trabalharam na atenção à saúde mental de estudantes universitários. Os critérios de participação na pesquisa foram: possuir formação graduada em terapia ocupacional, trabalhar ou já ter trabalhado na assistência à saúde mental de estudantes universitários e aceitar

participar da pesquisa, demonstrando isso pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **2.2 Local**

Em função da pandemia da COVID-19, estabelecida a nível mundial desde março de 2020 e das medidas de contingenciamento relativas à transmissão do vírus Sars-COV-2, dentre as quais o distanciamento físico, a coleta de dados junto às terapeutas ocupacionais aconteceram por videochamadas na plataforma virtual do google meet, com dia e horários definidos pelas próprias participantes.

## **2.3 Instrumentos**

Para a produção dos dados do presente estudo foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado elaborado pelas pesquisadoras, constituído por quatorze questões abertas que abordaram a assistência oferecida pelas participantes junto à população de estudantes universitários, bem como as percepções das terapeutas ocupacionais a respeito das possibilidades da terapia ocupacional junto a essa população, além dos desafios e potencialidades do trabalho com estudantes universitários. Pretendeu-se ainda, que o instrumento tivesse questões que permitissem a investigação a respeito das visões das participantes sobre as principais demandas de saúde mental de estudantes universitários e, também, dos fatores envolvidos no contexto universitário que podem prejudicar ou favorecer a saúde mental dos estudantes.

## **2.4 Aspectos Éticos**

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa em seres humanos da UFSCar e somente após sua aprovação os procedimentos de coleta de dados foram iniciados. Às participantes, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cuja assinatura foi condição para que se desse prosseguimento na pesquisa.

## **2.5 Procedimentos**

### **2.5.1 Identificação e localização das participantes**

Para identificação das participantes desta pesquisa, foi adotada a estratégia da bola de neve ou “*snowball sampling*”, que consiste em indicações de outras pessoas potenciais colaboradoras, por participantes já convidados. Para isso convidamos terapeutas ocupacionais conhecidas por nós que trabalham ou já trabalharam com estudantes universitários para participarem da pesquisa, aquelas que aceitaram participar foram entrevistadas e durante o encontro as participantes eram convidadas a indicar outras/os possíveis terapeutas ocupacionais de seu conhecimento que trabalham ou já trabalharam na assistência à estudantes universitários. Todas as seis participantes contactadas aceitaram participar da pesquisa, no entanto, nem todas indicaram outras pessoas para a continuidade da pesquisa.

## **2.6 Elaboração do Roteiro de entrevista semi-estruturado**

A partir dos objetivos do presente estudo e da literatura do campo da saúde mental de estudantes universitários, foi elaborado pelas pesquisadoras, um roteiro de entrevista semi-estruturado que foi utilizado para a coleta de dados. Para fins de precaver o desvio da proposta do estudo, o roteiro foi encaminhado, via e-mail, a três terapeutas ocupacionais, do campo da Saúde Mental, para que pudessem avaliar o questionário e apresentar suas considerações. Todas as três concordaram em ser juízas e colaboraram com o aprimoramento do material, com acréscimos, mudanças e reorganização da ordem das perguntas.

## **2.7 Coleta de dados**

A coleta de dados do presente estudo aconteceu pela plataforma de vídeo-chamada google meet. Os dias e horários eram previamente combinados com as participantes, após assinatura do TCLE, que foram realizados tanto por via google forms, quanto pela impressão e digitalização do documento. As entrevistas tinham duração de uma a duas horas.

## **2.8 Análise de dados**

As entrevistas foram todas gravadas e posteriormente transcritas de forma íntegra para análise e sistematização dos dados. Para a análise de dados foi utilizada a técnica de análise temática, que consiste em observar os núcleos de sentidos (temas) que compõem as narrativas e cuja frequência pode conferir algum significado para o objetivo do estudo (BARDIN, 2009). Desse modo, na estruturação da análise foi realizada a organização do material

coletado, posteriormente a codificação das temáticas presente no texto transcrito e em seguida a categorização dessas temáticas selecionadas.

### 3. RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados produzidos na presente pesquisa, de forma que primeiramente os dados gerais de caracterização das participantes e em um segundo momento as temáticas que emergiram do processo de análise de conteúdo temática.

#### 3.1. Caracterização das participantes do estudo.

Foram participantes do presente estudo, seis terapeutas ocupacionais que trabalham ou já trabalharam na assistência à saúde mental de estudantes universitários.

A seguir, no Quadro 1, apresentam-se as características gerais de tais participantes, no que se refere à idade, ano de formação na graduação em terapia ocupacional, local de formação, contexto onde exerce ou exerceu a atividade de cuidado em saúde mental à população universitária.

Para identificarmos as participantes serão atribuídos nomes de árvores, que apresentam como característica em comum a resistência a solos pouco arejados, tendo em vista as capacidades das participantes, nesses espaços com muitos desafios, de perceber e criar novas produções e florescimentos de cuidados para a saúde mental dos estudantes universitários.

**Tabela 1.** Dados gerais das participantes

<b>Participantes</b>	<b>Ano de Nascimento</b>	<b>Ano de formação em Terapia Ocupacional</b>
Guariroba	1984	2016
Umbuzeiro	1989	2006
Pequizeiro	1964	1987
Oliveira	1963	1986
Araticum	1952	1973
Figueira	1981	2004

**Tabela 1.2** Experiências anteriores e atuais de atuações profissionais das participantes

<b>Participantes</b>	<b>Experiências profissionais em Terapia Ocupacional</b>	<b>Instituição/Serviço em atenção à saúde mental de estudantes universitários:</b>	<b>Você atua no momento ou já atuou?</b>	<b>Há quanto tempo trabalha ou já trabalhou na atenção à saúde mental de estudantes universitários</b>
Guariroba	Centro de atenção psicossocial (CAPS); Unidade básica de saúde (UBS); clínica escola; Ambulatório; residência multidisciplinar; Secretaria Nacional de Álcool e Drogas	Clínica de atendimento psicológico; Departamento de atenção à saúde; Departamento de assistência ao estudante;	Esta em atuação.	Desde de 2019
Umbuzeiro	Análises ergonômicas; Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest); Docente	Assistência a Saúde Universitária	Já atuou	De 2016 a 2020 [exceto no ano de 2018]
Pequizeiro	Hospital Psiquiátrico; Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Manicômio Judiciário (Hoje Hospital de Custódia); ambulatório de Saúde Mental; Centro Comunitário	Ambulatório; Assistência a Saúde Universitária	Esta em atuação	Desde de 2019
Oliveira	Campo da saúde mental, física e social.	Clínica escola; Secretaria de Saúde	Esta em atuação	Desde de 2000
Araticum	Hospital Psiquiátrico Pinel; departamento de Neurologia e psiquiatria; Docente	Duas faculdades públicas do estado de São Paulo	Já atuou	Desde 1975
Figueira	Atenção básica em	Departamento de	Esta em	Desde 2017

	Saúde Mental; Docente;	atenção à saúde	atuação	
--	---------------------------	-----------------	---------	--

Como podemos observar na tabela acima, todas as participantes já se formaram há pelo menos cinco anos, quase todas as participantes tiveram experiência profissional no campo da saúde mental como terapeutas ocupacionais e estão trabalhando ou já trabalharam no mínimo por dois anos, com estudantes universitários.

### **3.2. Resultados advindos das entrevistas com as participantes**

Nesta seção serão apresentados os temas que emergiram do processo de análise das entrevistas realizadas com as participantes do presente estudo.

Observa-se que foram extraídos três grandes temas, dos quais alguns se desdobraram em subtemas, a saber: O encontro das participantes com o campo, que apresenta a demanda de gestão e o processo de formação como motivos para as participantes se encontrarem nesse campo. A terapia ocupacional no campo, como outro grande tema para dizer sobre suas práticas, a utilização das práticas integrativas complementares de saúde (PICs) como recurso potente e os diferenciais e potencialidades que vislumbram como profissional nesse espaço. E por fim, o campo de atenção aos estudantes universitários, que corresponde às suas percepções sobre o perfil da demanda que atendiam e de como o serviço deveria/poderia ser estruturado.

A seguir apresentam-se os temas e subtemas de forma detalhada:

### **3.3 O encontro das participantes com o campo**

Durante o processo de entrevista, as participantes tiveram a oportunidade de narrar sobre como se interessaram e passaram a atuar na saúde mental de estudantes universitários. Diante das falas, foram identificados diferentes motivos e caminhos pelos quais as terapeutas ocupacionais se depararam com esse campo de intervenção, sendo eles: o caminho pela demanda da gestão universitária e o processo de formação do estudante.

### 3.3.1 Caminhos por demanda da gestão

Nas falas de algumas participantes foi possível observar que, nos diferentes espaços universitários e períodos históricos nos quais elas se encontravam, percebiam o interesse das gestões administrativas da universidade de construir ou reorganizar o serviço de atenção à saúde mental para os estudantes universitários, existindo assim, a busca por alternativas para o planejamento de políticas e fluxos de atendimento a este público. Desse modo, algumas participantes comentam sobre terem sido convidadas por pessoas da gestão para compor as equipes tanto responsáveis por pensar e planejar as ações, quanto aquelas que iriam executar as mesmas, conforme observado nos trechos a seguir:

*“por uma demanda da gestão de assuntos comunitários e estudantis, da gente repensar os atendimentos de saúde mental na universidade. Então isso foi uma solicitação da pró Reitoria né assim para eu apoiá-los nesse processo e foi um momento então que a gente começou junto às equipes, principalmente aqui da cidade, né a olhar pra essa demanda, que eles estavam se sentindo sobrecarregadas com muitas questões, bastante complexas, e que tudo acabava indo para o atendimento psicológico né ” (Figueira)*

*"A motivação inicial foi um pedido [...] ele já tem uma tradição de atendimento a estudantes a muito anos né. [...] eles precisava de pessoas que ele pudesse minimamente confiar; acho que foi muito nesse sentido, então eu me aproximei mais por conta disso”(Pequizeiro)*

*“fui fortemente convidada pra ir para o departamento de saúde [...] teve uma demanda da gestão, tem um departamento, uma equipe né que de alguma forma né quer se dedicar e isso acho que é um momento importante, é bem importante poder oferecer esse tipo de serviço para o estudante universitário”(Guariroba)*

De acordo com as terapeutas ocupacionais participantes, o aumento dos casos de suicídio entre os estudantes foi um disparador importante para mobilizar atores da gestão universitária em vista da busca de ações de promoção e prevenção da saúde mental dos estudantes universitários.

*“fui então compor essa equipe de psiquiatria em saúde mental e o projeto tava começando[...] um projeto de uma coisa que antigamente chamava coordenadoria de saúde mental do Estado de São Paulo onde era um projeto super inovador da época[...] um projeto de entrada da faculdade de medicina em serviços de psiquiatria que se implantasse modelos novos de atenção à psiquiatria, de saúde mental e que fosse composto por equipes multidisciplinares [...] na época ainda não tinha um serviço de atenção dos alunos estruturados, mas começou a se dar! [...] aconteceu uma tragédia tipo um suicídio de aluno né para que acenda a luz e as pessoas comecem a ficar mais atentas, então ali também foram os primeiros esboços de ações coletivas em função da saúde mental no caso, do estudante de medicina.[...] ali começou a me chamar a primeira atenção [...] ficou essa coisa na minha cabeça de que tinha, que podia se fazer alguma coisa em Terapia Ocupacional com esses alunos.” (Araticum)*

*“Naquilo que hoje é a pró-reitoria, antigamente se chamava serviço de atenção ao estudante, numa determinada gestão aí da Reitoria conversando com a professora que era responsável por esse serviço a gente começou a falar da problemática de saúde mental. [...] era muito assustador, tinham aparecido assim recorrente, recorrente que eu digo era mais ou menos uma vez por ano o que é bastante [...] casos de Suicídios.[...] eu fui trabalhar de assessora lá nesse serviço de atenção estudantil, e aí me surgiu a ideia de que podíamos montar um serviço de atenção para os alunos.” (Araticum)*

*“ em algum momento os índices de suicídios foram aumentando, então cada vez mais essa preocupação também, né. infelizmente assim a gente perdeu de 2019 para cá vários estudantes, né” (Umbuzeiro)*

*“desde que eu vim aqui para esta universidade, ficou muito evidente essa situação do suicídio né não sei se é o momento que a gente tá vivendo mas isso tem ganhado mais espaço né de discussão” (Figueira)*

### **3.3.2 Caminhos pelo processo de formação**

Alguns participantes da presente pesquisa são ou já foram docentes dos cursos de terapia ocupacional de suas referidas universidades. Algumas apontam que, sendo docente, a aproximação com estudantes no processo de formação foi um fator que consideraram importante no processo de que as levou para atuar no cuidado à esse público. Algumas docentes que participaram, relataram que no processo de formação e acompanhamento dos estudantes, identificaram questões de sofrimentos psíquicos, o que as mobilizaram a pensar em ações em vista do cuidado para os estudantes universitários, conforme é possível observar nos trechos de falas a seguir:

*“Quando eu entrei na universidade, mesmo, né, comecei a orientar TCC e vinha muito essa temática, e aí chamou minha atenção. [...] eu orientei um TCC que fala sobre as condições de saúde dos Estudantes universitários, e aí nesse TCC, quando a aluna foi apresentar no final [...] tinha muitos estudantes, né, vendo [...] aí isso me chamou atenção, eu falei: - uai, tem alguma coisa aqui e aí a temática começou a me despertar assim essa curiosidade, porque que um TCC teve tantos, nos outros momentos e outras temáticas não tinha tantos alunos assim mais nessa temática tinha” (Umbuzeiro)*

*"Participar do processo de formação dos alunos acaba que eu também fico né com esse momento da formação dos últimos anos, acaba que eu passo por essas questões né. As supervisões de estágios, por exemplo, eu tenho uma conduta em supervisão que não é uma supervisão técnica apenas né, mas que é*

*uma supervisão como um espaço de formação de si naquele contexto da profissão né.”(Figueira)*

*“Eu comecei meu contato com alunos nesta experiência que não era de Atendimento à saúde mental mas era uma educação para a saúde mental em equipe multidisciplinar (...) eu sempre tive uma preocupação de estar em contato com os alunos e ir um pouco para além da função exclusivamente didática pedagógica” (Araticum)*

O contato com os alunos a partir da docência foi uma experiência que também contribuiu significativamente no caminho de assessorar o serviço de saúde mental para os estudantes, que estavam sendo reorganizados.

*"Eu saí da coordenação de curso também então eu estava muito em contato com as questões dos estudantes né da vivência com o curso. E aí vindo pra cá (outra universidade) na verdade eu entro por essa questão de repensar a organização do serviço, que eu já tinha aí certo acúmulo de experiência”(Figueira)*

### **3.4 Terapia Ocupacional no Campo**

As participantes foram convidadas a falar sobre o que percebem a respeito das possibilidades de atuação da terapia ocupacional no processo de cuidado em saúde mental da população de estudantes universitários. Foi possível observar que, de acordo com elas, existem ações particulares da terapia ocupacional nesse contexto, o que é explorado nesta seção.

#### **3.4.1 O que as Terapeutas Ocupacionais fazem na atenção à saúde mental de estudantes universitários?**

De acordo com as entrevistadas, as atuações da terapia ocupacional nesse campo de assistência à saúde mental dos estudantes universitários estão presentes em duas dimensões, A primeira caracterizada por um nível mais macro-contextual e que diz respeito às ações no âmbito da organização institucional e a segunda por um nível mais micro-contextual, caracterizado pela atenção direta com os estudantes.

Sobre o nível macro, as profissionais participantes apresentam, em suas falas, a realização de ações para além do cuidado à pessoa/estudante com sofrimento psíquico, a saber: articulações em rede interna e externa a universidade, apoio e assessoria na administração superior e construção de políticas da universidade, trabalhos em conjunto com a equipe, discussões de caso e ações de planejamento.

*“o terapeuta ocupacional por uma questão de formação assim ele trabalha muito junto da equipe né [...] às vezes a construção de algumas ações elas dependem dessa articulação né com a equipe, com as equipes e de uma composição com outras atividades dos departamentos” (Guariroba)*

*“a gente foi fazer algumas ações de capacitação da própria equipe outra frente de organização do fluxo de entrada dentro do serviço e uma outra frente que era de oferta de ações né”(Figueira)*

*“curso de atualização de formação da equipe para capacitação em acolhimento e reorganização do serviço para criação do prontuário interdisciplinar, o prontuário era por categoria profissional e o prontuário passou a ser pelo paciente [...] E a gente criou uma certa reorganização de entrada[...] a equipe se organizou com os acolhimento em saúde mental” (Figueira)*

*“assim, não se resolve as coisas assim: - ah não mais eu conheço fulana eu ligo para ela aí eu consigo a consulta, não pode ser assim né, não pode, então tem conversa pra essa articulação de rede que tem que acontecer a nível de gestão” (Guariroba)*

*“ Em relação à saúde mental a gente tem uma discussão de casos toda segunda-feira, 4 horas de discussão de caso, a gente tem acolhimento em Saúde Mental que todo mundo faz.” (Guariroba)*

*“Então era feito não só com o estudante, mas também com a parceria com as coordenações, com as unidades acadêmicas, né por exemplo, mas isso também as outras coordenações se envolve, por exemplo eu geralmente tenho reuniões de estudos de caso” (Pequizeiro)*

*“em determinados momentos tornava-se necessário, entrar em contato com outras instituições, no sentido de favorecer tanto a questão, do cuidado em saúde, como também de outras questões, como questões envolvendo cultura, que sempre eu achei que era muito importante, a cultura nesse contexto, além disso a assistência social, situações importantes envolvendo a justiça, a família, os diferentes setores da universidade, eu sempre tive um contato com os departamentos (Oliveira)*

*“Articulação com o território acaba sendo com as famílias né [...] uma participante do grupo e ela tem alguma situação que para ela tá muito difícil ela me indica um familiar um amigo uma pessoa né que a gente possa acionar como rede de apoio [...] quem tem sofrimento busca os seus familiares e seus Amigos primeiro né não buscar um profissional de saúde, então nossa ideia é a criação da rede mesmo” (Figueira)*

*“ esse trabalho que a gente articulou, nem pode falar de rede na época, o que pode falar é de uma tentativa de um trabalho multidisciplinar nem era tão interdisciplinar ainda”(Araticum)*

*“participei também de um GT que fez algumas proposições em relação a ambiência na universidade que tava querendo fazer um redário, vários redários pela Universidade, a gente conversou um pouco sobre o Paisagismo da universidade sensibilizamos alguns atores” (Guariroba)*

Já no âmbito das ações micro-contextuais, as terapeutas ocupacionais dizem de suas intervenções junto aos estudantes, pontuando que estas estão ligadas à construção de estratégias para cuidar do sofrimento psíquico que já está posto. Desse modo são pensadas na promoção e prevenção da saúde mental, por meio de ações de autocuidado, visita domiciliar, mediação de conflitos, reorganização da rotina, criação de grupos, oficinas diversas e rodas de conversa.

*“eu comecei a ofertar grupos entre aspas "nada a ver"[...] espaços que fossem de encontro pros estudantes, então onde eles pudessem estar fortalecendo seus laços com outros colegas, pudessem estar ampliando o seu repertório de atividades feitas conjuntamente né” (Guariroba)*

*“A gente começou a fazer os grupos, na época eu consegui parceria com várias professoras aqui do município então a gente tinha praticamente um grupo por dia porque cada dia era um professor que dava esse grupo né e o meu papel era ali tá acompanhando aquelas pessoas que estavam no grupo (...) a gente tem muito esse olhar de a pessoa tá com a gente, mas como que ela tá? como que ela tá se manifestando? o grupo tá servindo o quê para ela? pra que ela possa se posicionar de outra forma nas dificuldades que ela tem” (Figueira)*

*“E no departamento de saúde tem [...] atendimento domiciliar, busca ativa, aí recebe mensagem duas da manhã de estudante dizendo que não tem sentido na vida daí tu acorda tenta ligar o cara não atende tu vai atrás né [...] visita em hospital também, visita na casa, já levei para consulta em ambulatório especializado já levei pra farmácia, aí várias coisas, fiz atendimento em praça, olha o que que a gente não faz né, na saúde mental, atendimento com familiar, já conversei com o professor, coordenador de curso tem essa rede interna da Universidade né acho que isso é legal de dizer assim que a universidade tem uma rede interna que a gente precisa conseguir conversar e tem a conversa com a rede Externa né do município” (Guariroba)*

*“não é um atendimento contínuo, era um acolhimento pra que a gente pudesse então, dependendo do caso encaminha para o serviço especializado, porque eram alunos que precisavam de uma intervenção imediata, por exemplo, né”(Umbuzeiro)*

*"Na maioria das vezes não eu basicamente trabalhava com orientação de atividades, uma reorientação do cotidiano e trabalhava com técnica de relaxamento (...) Nós fizemos algumas intervenções grupais, na maioria verbais mais algumas com algumas dinâmicas de grupo, dinâmicas mais corporais, dinâmicas de grupo mesmo não necessariamente com atividades. No alojamento eu me lembro bem de dois grupos que a gente “atendeu” (entre aspas) assim. Então essa foi a intervenção grupal” (Araticum)*

Considerando que a produção de dados desta pesquisa se deu em contexto sanitário de Pandemia da COVID-19, as participantes entrevistadas também trouxeram relatos sobre suas percepções a respeito das dificuldades dos estudantes nesse momento, e de suas ações de cuidados no modo remoto, apontando sobre a situação muitas vezes precária no que se refere à internet e o ensino remoto, à (re)organização das rotinas nesses tempos, dentre outros aspectos, como ilustrado nas falas a seguir:

*“a dificuldade era em relação a ter ambiente separado, se era o mobiliário, Se era teu sinal de internet, se estava com alguma situação, com relação né relacional em casa né, que não poderia fazer as disciplinas lá acho, acho que tem uma insistência minha né, que acabou sendo resolvida com o ensino emergencial remoto né, de que dentro da perspectiva da terapia ocupacional a gente ver né, como é que os estudantes tão estudando, assim fazendo trabalho no celular né, estudante bolsista, isso eu apontava, mas a instituição não tinha, né dinheiro pra resolver [...] Já ofertei as atividades das tardes de acolhida [...] A gente já organizou um grupo pro feminino, já organizamos um grupo para calouros naquele estágio, a gente já organizou um grupo de*

*peessoas que gostam de fazer coisas né, pra pensar cotidiano né diversificação do cotidiano na pandemia. (Guariroba)*

*“a pandemia só evidenciou uma fragilidade das pessoas em lidar com mundo do jeito que tá e na verdade de lidar com si mesmo nesse mundo né, porque o mundo vai continuar caótico né, como é que a gente desenvolve estratégias pra se encontrar nisso tudo né e se encontrar internamente mesmo, porque a confusão externa ela vai continuar ela vai continuar existindo né.”(Figueira)*

*“com a pandemia, como os nossos encontros eram, todos presenciais.. a gente tentou fazer online, não rolou né, porque precisa de uma interação, precisa de uma troca que online não é possível [...] eu criei uma atividade que chama bate-papo literário, foi muito legal, porque sempre tinha um texto uma poesia uma crônica, e aí a gente passava pros alunos e discutir e eles iam discutindo mesmo por WhatsApp, no começo foi assim. E funcionou, só que depois no segundo semestre [...] quando começou as aulas online né, nesse ensino remoto, aí já não funcionava tanto porque começou a cansar, né, muito tempo nessa interface ou computador eu com celular e tal”(Umbuzeiro)*

*“E agora na pandemia estudante que tá com dificuldade de se encontrar no seu cotidiano, com o distanciamento social, foi o que mais tenho recebido. E aí alguns casos mais graves, mais sintomáticos, fica por conta das práticas integrativas”(Guariroba)*

*“vai ter que se pensar em um outro formato de orientação e intervenção para esse contingente populacional, até porque a demanda vai mudar um pouco, acho que vai ter que aprender a partir da demanda nova que vai existir né.”(Araticum)*

*“compus equipe de um projeto onde [...] organizamos podcast sobre temas de violência de família, organizando os encontros sobre esse temas. Fizemos uma*

*noite online de jogos agora na pandemia né, que daí mudou o contexto todo de trabalho né”(Guariroba)*

### **3.4.2 Práticas Integrativas: um recurso potente da Terapia Ocupacional**

Todas as participantes sinalizaram, de alguma forma, que as Práticas Integrativas e Complementares da Saúde (PICS), se mostraram como um recurso bastante potente usado pelas terapeutas ocupacionais nas ações de cuidado junto à população de estudantes universitários. Práticas como yoga, meditação, relaxamento, reiki, tai chi chuan foram citadas pelas participantes ao dizerem sobre as ações que desenvolviam.

*“como eu tô nas prática integrativas já fiz grupo, grupo de apoio mesmo de saúde mental, [...] participei da organização, eu não tava executando, mas de um espaço para acolhida de luto [...] eu fiz a minha formação em yoga eu atendo em floral, atendo reik, faço atendimentos individuais de TO em Saúde Mental” (Guariroba)*

*“então ali já começou o projeto de saúde.. de práticas integrativas né de algumas atividades mais na promoção e na prevenção né, então que promovesse em convivência, que promovessem o alívio ao ambiente, as demandas acadêmicas né, que promovessem o fortalecimento de redes de apoio né, que promovessem a pertença à universidade né então a pessoa pode estar na universidade e fazer outras coisas né e pode ser a própria instituição a ofertar isso assim”(Guariroba)*

*“eu propus a oferta do yoga pela contribuição que pode ter na saúde mental” (Figueira)*

*“a gente criou o projeto das práticas integrativas, que é Projeto de práticas integrativas e cuidados suporte social [...] mais na ideia de que a gente criasse ações de acolhida né, então a gente criou as tardes de acolhidas que o espaço ficava aberto e quem quisesse podia ir lá tomar café, conversar com a*

*gente e foi um espaço bastante interessante porque chegavam muitas pessoas novas, pessoas que não estavam acessando o serviço, pode demandas de saúde mental né.” (Figueira)*

*“Nesse projeto a gente teve o Reiki, Tai Chi Chuan, teve Bambolê, dança, forró, meditação né então foram [...] várias atividades para servir mesmo como um espaço de encontro, espaço de convivência e de apoio para que a gente pudesse sair desse campo do diagnóstico né, de que a comunidade universitária pode se organizar de uma outra forma pra criar outras formas de enfrentamento das dificuldades” (Figueira)*

*“a gente fez oficina de meditação [...] depois a gente fez oficina de forró, e aí teve bastante gente que participou também dessa oficina” (Umbuzeiro)*

*“ como eu tenho a formação tanto de TCI né, de Terapia Comunitária Integrativa, como de Reiki, eu ia fazer esses atendimentos, né” (Umbuzeiro)*

### **3.4.3 Diferenciais e potencialidades da Terapia Ocupacional nesse campo**

Um tema que emergiu das falas das participantes se refere à sua percepção a respeito dos diferenciais ou potencialidades da terapia ocupacional no contexto de cuidado em saúde mental para estudantes universitários. Foi possível identificar que elas percebem a terapia ocupacional como possuidora de ferramentas que permitem apontar e intervir em aspectos que prejudicam a permanência dos estudantes na universidade e que são potenciais produtores de sofrimento psíquico. Também conseguem sinalizar sobre o que, dentro da universidade, pode promover saúde mental.

Além disso, elas apontam que a terapeuta ocupacional tem condições de, junto com os estudantes, elencar as ocupações e a dinâmica estabelecida no interjogo entre os diferentes papéis que este público-alvo desempenha na vida e identificar onde é necessário um maior equilíbrio e, também, fazer uma análise contextualizada e ao mesmo tempo singularizada a respeito da organização social e institucional que interfere em tais ocupações. A seguir, alguns trechos de discursos que ilustram tais resultados:

*“O papel da TO, olha especificamente né se for falar uma coisa bem genérica é a questão da promoção da saúde, mesmo né, então a gente visa a promoção da saúde dos estudantes, prevenção às vezes né de algum agravo maior, né”(Umbuzeiro)*

*“quando a gente vai se aproximando um pouco mais dos estudantes a gente consegue ver como que tá essa dinâmica, digamos assim essa dinâmica ocupacional que ele tem, né dos papéis ocupacionais mesmo [...] a gente percebe que tem algum desequilíbrio né então é muito mais voltado pra desempenhar algum papel ali de cuidador, porque tem também, de trabalhador [...] então acaba que papéis que podem de repente aí [...] eram né na verdade significativo pra eles e essas ocupações que poderiam atuar como uma promoção de saúde eles deixam de lado, que pode ser alguma coisa que eles gostavam de fazer, de lazer, de sair com os amigos, né [...] eu acho que a terapia ocupacional ela vem um pouco pra olhar né pra esse ser ocupacional.”(Umbuzeiro)*

*“Ah eu acho que tem um centro né da terapia ocupacional que é olhar para essas populações né para essas situações que são situações que na verdade refletem uma organização social, uma organização cultural e que muitas vezes elas são tidas como naturais né” (Figueira)*

*“a Terapia Ocupacional ela tem um propósito que é as coisas são assim mas para algumas pessoas estão muito melhor né então porque que para outras não está bem e vamos olhar então para essas que não está bem então acho que é de evidenciar que as situações não são vividas na mesma forma pelas pessoas né porque estão em condições diferenciadas pela própria organização social” (Figueira)*

*“o nosso papel ele é fundamental, toda parte de assédio, as habilidades sociais, terapeutas ocupacionais são fundamentais”(Pequizeiro)*

*“ é integrar uma equipe porque você não faz nada sem equipe hoje em dia né. Então é um trabalho coletivo de preferência inter/multi profissional né, quer dizer não existe um papel da TO sozinho nesse contexto, ainda mais hoje né.”(Araticum)*

*“um conceito do estudante ideal, né, então é aquele que o pai sustenta, que vai em todas as aulas, consegue fazer monitoria, chama seu ifood, consegue voltar de uber; não tem problema nenhum ficar andando pela universidade, né de noite, por exemplo, não engravida, não tem filhos, não cuida de mãe, não adoce, né, [...] eu acho que a TO consegue desmontar esse perfil de estudante, a TO quando olha pro estudante consegue contar; olha nossos estudantes são aí de uma diversidade de contextos que é assombrosos, né [...] Isso tem um impacto na saúde mental, do estudante bolsista, do estudante negro”(Guariroba)*

As participantes também abordam que a visão ampliada e contextualizada que o profissional terapeuta ocupacional tem da problemática da saúde mental e da dinâmica institucional, faz com que este seja um profissional com potencial para atuação na gestão da assistência à saúde mental de estudantes universitários, conforme algumas falas a seguir:

*“Eu consigo ver assim a Terapia Ocupacional conseguindo cuidar desse espaço para o espaço conseguir acolher e integrar as diversidades né, então como é que lida com as questões de deficiência né, com as questões de aprendizado né”(Guariroba)*

*“nosso foco é no sujeito, na pessoa, no que ela gosta de fazer, o quê traz significado e sentido pra vida dela, então assim, talvez se a TO, tivesse um pouco mais na gestão por causa desse olhar diversificado ,né [...] a gente tem uma habilidade de adaptação, né e de conseguir olhar várias coisas né [...] então talvez é esse olhar né de mostrar a terapia ocupacional também nesses*

*outros espaços não só nesse da assistência, né da intervenção, mas também voltado pra gestão.”(Umbuzeiro)*

*“Mas idealmente a terapia ocupacional aponta esse tipo de coisa por exemplo né então como é que no espaço físico organizacional né pode contemplar diferentes necessidades e demandas dos estudantes como é que ele pode potencializar a partir da própria instituição outras formas de estar [...] Eu acho que a principal potência da TO é poder emprestar o seu olhar para os diferentes atores da universidade e para a instituição em si, né, a partir das suas normas, dos seus espaços, dos seus programas, das suas políticas” (Guariroba)*

As participantes dizem, ainda, sobre a percepção que têm a respeito das possibilidades da terapia ocupacional no apoio aos estudantes na aproximação e adaptação nesse novo contexto de vida que é a universidade, fomentando o desenvolvimento da autonomia, de lidar com os conflitos gerados a partir dos valores familiares e os novos valores que lhes são apresentados na universidade e no processo de conhecimento e adaptação à nova cidade.

*“ajudar nesse momento [...] de transição aí de fase né de ganho de mais autonomia, em momento em que alguns não querem rejeitar o seu referencial familiar, né, assim estão aí se espelhando para poder criar algo diferente ou algo parecido né com o que vê ai de uma formação familiar” (Figueira)*

*“T.O. pode apoiar esse momento para que a pessoa viva essa fase né, de uma forma mais tranquila e propositiva né, que consiga se encontrar nessa fase que ela vivencia, que talvez pra uns.. esses que a gente atende em uma fase bastante turbulenta, de conflitos familiares, de dificuldades de relação social, de exclusão social” (Figueira)*

*“Quando é calouro[...] alguns chegam assim bastante apavorado e não tem nem onde ficar ainda [...] então tem [...] um acompanhar assim essa adaptação na cidade né [...] mas é isso assim, que ônibus pega? onde é que é*

*o ônibus né [...] a adaptação na convivência né com a moradia [...] o morar é outro ponto pra TO pegar assim que eu sou só uma e não tem como, mas o morar junto[...] morar sem os pais né”(Guariroba)*

*“O pessoal fica muito apavorado, muito apavorado e quando entra no curso, começa a entrar em sofrimento, né, porque vai pra entender as suas questões sociais né, de raça, de classe e sofre”(Guariroba)*

### **3.5 O Campo de atenção aos estudantes universitários: perfil de usuários e possibilidades futuras**

O processo de entrevista permitiu que as participantes terapeutas ocupacionais falassem sobre suas percepções a respeito de como deveria ser um serviço de atenção à saúde mental direcionado a estudantes universitários. Além disso, discorreram, também, sobre suas visões a respeito do perfil de estudantes que chegam para acompanhamento.

#### **3.5.1 Perfil da demanda atendida**

Em relação ao perfil dos estudantes atendidos pelas participantes foram identificados, em sua maioria: bolsistas vinculados à assistência estudantil, mulheres, estudantes do início e final do curso, com dificuldades emocionais, dificuldades de adaptações e organização, dificuldades pedagógicas, e algumas traduzidas como diagnósticos de crise de ansiedade, depressão e estado de pânico.

*“Tem uma característica dos estudantes que buscam o serviço, que são na sua grande maioria são estudantes que são atendidos pela diretoria de desenvolvimento social, pela assistência estudantil [...] a identificação é mais sexo feminino do que outros, também um número muito grande quando você tem correlação a orientação um grupo muito grande de LGBT,”(Pequizeiro)*

*“é que o departamento de assistência atende todo mundo, né então chega menos bolsistas, mas ao mesmo tempo proporcionalmente deve chegar mais bolsistas do que não bolsistas né [...] se chega menos bolsista é que tem menos bolsista também”*(Guariroba)

*“o início do curso, são duas características, e o final do curso, são duas situações que se apresentam muito pra gente, aquele intervalo do meio do curso não aparece tanto, mas o início do curso, primeiro, segundo e terceiro semestre e aí quando você chega perto do final do curso você também tem uma demanda maior”*(Pequizeiro)

*“É, tem essas duas, os dois extremos do curso, né veterano.. formandos e calouros, chega mais mulher, sexo feminino mesmo, orientação, acho que fica meio misturado assim sabe, moças Bi, Moços bi, só trans que é bem menos né, mas acho que considerando a quantidade de Trans que tem na universidade né, também os números não devem ser muito grande”*(Guariroba)

*“contingente de aluno naquela época na universidade eram majoritariamente, brancos, mas me lembro de vários alunos negros,”*(Araticum)

*“o público que mais chega [...] são as mulheres [...] brancas [...] Isso reflete o público universitário? reflete, né! acho que a gente tem mais, o público maior da Universidade né.”*(Figueira)

*“estudante com maior perda [...] de funcionalidade, então o estudantes que tá mais em casa que não tá conseguindo fazer as atividades da aula bem isso assim[...] aí recebi algumas [...] com questões emocionais assim, relacionado a emoção, e pensamento”* (Guariroba)

*“As demandas eram mesmo de sofrimento psíquico, às vezes não só por conta do contexto Universitário, mas de relacionamento com mãe, pai, familiares.*

*Vinham demandas relacionadas a preconceito né, então preconceito de gênero, né, de raça também, então isso aconteceu principalmente de questão homossexual, essas coisas, né [...] dentro da Universidade também tinha as questões de relação de poder né, então a questão dos professores né, da forma de relacionamento ali, de cobrança um pouco exagerada, né, pensando aí na dinâmica aí das disciplinas também” (Umbuzeiro)*

*“eram quadros de ansiedade e depressão e basicamente desorganização e desadaptação [...] desorganização do cotidiano e desadaptação com essa nova realidade ela era uma dificuldade de adaptação à nova realidade.” (Araticum)*

*“aparecia muito problemas, que era uma interface do pedagógico com o pessoal né então alunos que queria mudar de curso que não tava adaptado ao curso” (Araticum)*

*“É o desânimo, o medo, a ansiedade e a dificuldade de concentração, isso a gente teve [...] As pessoas chegam né porque precisam cumprir coisas e não sentem que não vão dar conta e isso gera o sofrimento” (Figueira)*

*“ah, não consigo estudar, não consigo dormir, é bem dificuldade na funcionalidade mesmo: - não consigo levantar, não consigo começar a escrever, não consigo entrar na sala de aula” (Guariroba)*

As participantes atentam para a não sistematização dessas informações e a necessidade de estudos que possam caracterizar diferentes grupos atendidos e quais eram suas principais demandas. De acordo com elas, isso possibilitaria um aprofundamento sobre as características desse grupo frente à presença recente do PNAES e das Ações Afirmativas, políticas que apresentam um outro cenário de demandas relacionadas aos estudantes.

*“É bem a partir da minha percepção, e isso pode ser falho, sabe, pode não ser muito fiel, assim” (Guariroba)*

*“eu não vou conseguir te responder, com precisão [...] eu não vou saber te dizer com certeza, assim, essas coisas que você me perguntou, porque eu não lembro, faz muito tempo” (Umbuzeiro)*

*“no momento que foi aprovado a lei do acesso pelo ensino público e a questão das costas, né, isso foi muito importante, a cara da universidade mudou e foi muito bom isso. Então aí outros desafios foram postos, como dentro de uma sala de aula por exemplo” (Oliveira)*

### **3.5.2 Relatos sobre como deveria ser um serviço de atenção à saúde mental para esse público, na percepção das participantes**

A partir da leitura dos dados produzidos, foi possível observar a perspectiva das participantes a respeito do que é esperado na organização e estrutura do serviço de atenção à saúde mental aos estudantes. Elas discorrem sobre o que compreendem tanto no modo de gerenciamento das ações, quanto da estrutura do espaço físico e apontam essas características a partir das estratégias que tinham na construção desses serviços e nos desafios que encontravam no caminho.

*“mapeamento do espaço de cuidado para que os alunos pudessem discutir conosco que era a proposta do serviço, nós precisávamos saber o que essa universidade tinha ofertado” (Pequizeiro)*

*“tu precisa olhar pra tua população e entender quais são tuas necessidades[...] precisa de planejamento, precisa discutir conceitos né, precisa ter entendimentos mínimos entendeu [...] É isso, precisa parar e precisa de planejamento e aí não depende só do terapeuta ocupacional, né. É coisa de equipe, é coisa de gestão, é concepção de serviço.” (Guariroba)*

*“as equipes precisam de reforço, né elas precisam da orientação né, da orientação do trabalho, assim da direção do trabalho, né, as vezes precisa*

*mesmo de formação técnica, nessa área né, o que é permanecer na universidade, permanecer a que custo, né.”(Guariroba)*

*“um dos departamentos onde eu trabalho tem goteira na minha sala ainda tem um buraco que entra morcego, sabe não tem ventilação, não tem iluminação, é um calor desgraçado [...] as pessoas não podiam estar trabalhando lá dentro” (Guariroba)*

*“trazer uma humanização que o campus não tem, né, se vc entra no nosso campus, ele é um campus branco, não tem um colorido, não tem nada, né então. Não tem uma quadra decente, pra que os alunos possa fazer uma atividade, ter ali times né, enfim, não tem um palquinho” (Umbuzeiro)*

*“imagina uma pessoa obesa, se ela não tiver uma cadeira minimamente confortável e segura pra que ela possa estar sentada e permanecer nela, ela caí, tem que oferecer, imagina o espaço de acolhimento tem que ter esse espaço” (Oliveira)*

*“Você tem que ter uma equipe mínima estruturada para atuar, não é um trabalho que você faz sozinha” (Araticum)*

*“ investimento financeiro sabe pra que essas ações sejam ampliadas porque a gente poderia por exemplo fazer uma capacitação em massa né de escuta ativa do sofrimento para evitar o suicídio né só que isso exige recursos [...] acho que ainda o investimento vai pouco para essa rede de cuidados então acho que essa é uma dificuldade” (Figueira)*

*“pautada no laço da promoção a saúde, entendendo a promoção a saúde como um investimento na capacidade do sujeito de tomar decisões inclusive, né, mas com oferta, com essas articulações, Inter setoriais, com essa combinação interdisciplinar é uma lógica, nessa linha pensando a questão da capacitação e inclusive a gente faz capacitação” (Pequizeiro)*

*“precisa existir algo de permitir essa chegada e essa permanência dentro daquele espaço que pode ser apenas um encontro, mas se ele for apenas um encontro, um encontro que contribuiu pra conseguir acolher aquele momento daquela pessoa ele já teve significado.” (Oliveira)*

*“se você tem uma universidade bem organizada, professores com uma relativa sanidade mental também, você tem cursos estruturados, aulas estruturadas, laboratórios estruturados se tudo esta estruturado, isso favorece muito, que os alunos se estruture e que a saúde mental dele vai melhor [...] O que são prejudiciais é a desestruturação, a falta de um projeto político e acadêmico, claro.” (Araticum)*

*“acho que a gente tem que apostar em espaços de encontro, espaços de encontro e uma gestão Coletiva dos espaços né” (Figueira)*

#### **4. DISCUSSÃO**

A partir dos resultados obtidos no presente estudo foi possível observar que quatro das seis participantes atuaram ou atuam na docência universitária em cursos de graduação de terapia ocupacional e tal prática as possibilitou a identificação de dificuldades relacionadas à saúde mental e, portanto, foi um dos motivos que as levou a desenvolver ações de assistência à saúde mental de estudantes, conforme ilustrado no trecho abaixo:

34

*“outras coisas que também fizeram eu olhar um pouquinho pra esse contexto universitário, é que [...] eu já tive muito evento assim dentro de sala de aula, de aluno tendo algum problema, né, ou alguma crise, então isso também me chamou muita atenção principalmente crise de ansiedade, isso dentro de sala de aula. Então todos são gatilhos de dizer que alguma coisa tá incomodando e precisa ser olhado com mais cuidado, né [...] de fato ouvir esse estudante,*

*porque às vezes tinha alguma coisa pra ser feita, mas eles não eram ouvidos,”(Umbuzeiro)*

Este achado remete à reflexão sobre o exercício da docência por terapeutas ocupacionais que parecem desenvolver as atividades formativas considerando e sendo sensíveis, também, a outros aspectos presentes na vida dos estudantes, o que pode influenciar no envolvimento dos mesmos no curso que escolheram. As dificuldades encontradas pelos jovens, no ambiente universitário, apareciam nas relações presentes no dia-a-dia e por esse motivo a confiança estabelecida entre estudante e professor se apresenta como alternativa de pedidos de ajuda.

Ou seja, as participantes deste estudo parecem olhar os estudantes para além de seu papel de “alunos”, o que as levou para práticas extensionistas de cuidado em saúde mental. Ainda que o exercício da docência por terapeutas ocupacionais não seja o foco deste estudo, este resultado chamou a atenção. Sugere-se o desenvolvimento de outras pesquisas que possam se debruçar sobre esse aspecto, considerando as especificidades do processo formativo em terapia ocupacional.

Frente a aproximação do campo a partir das identificações de demandas da gestão da assistência estudantil, a compreensão do aumento do sofrimento psíquico dos estudantes universitários, a partir dos índices de suicídio, foi um fator mobilizador para reorganização dos serviços de atenção à saúde mental desse público. O suicídio entre os jovens é um fator mundialmente presente e bastante importante para se discutir os impactos que o contexto sociocultural pode provocar na tomada de decisão da morte como única alternativa para a resolução das dores presentes (PENSO; SENA, 2019). Segundo Penso e Sena (2019) a juventude é um período importante na construção da identidade do sujeito e o suicídio como resposta a desesperança em vista do sofrimento vivido diz de um alerta sobre os motivos estarem diretamente relacionados com aspectos contextuais.

35

No que se refere aos fazeres da terapia ocupacional no campo da assistência à saúde mental de estudantes universitários, foi possível observar que as participantes desenvolvem ações que, aqui, foram denominadas de macro-contextuais, ou seja, as ações para além do cuidado direcionado especificamente ao sujeito em sofrimento, tais como: planejamento dos

serviços, onde se compreende a necessidade da articulação em redes, articulação intersetorial com os diferentes serviços presentes na comunidade universitária e para além; participação em processos de capacitação dos profissionais de saúde e atuações junto a professores, familiares e amigos como importantes rede de suporte aos estudantes.

Além disso, também foram apresentadas ações micro-contextuais, sendo essas: orientações e acompanhamentos individuais dos estudantes com demandas de sofrimento psíquico e/ou que encontram obstáculos nos processos de convivência a essa nova dinâmica e espaço que é a universidade e a criação de encontros coletivos como espaços de potência, a partir da oferta e o desenvolvimento de atividades para pensar no processo de pertencimento e autocuidado dos estudantes. Tais achados dialogam como possíveis estratégias de enfrentamentos, às dificuldades apontadas na literatura pelos estudantes, como: o distanciamento familiar (GIRARDI e MARTINS-BORGES, 2017), insatisfação com o curso (LEÃO et al., 2018), discriminação como um fator de isolamento (JUNIOR e col., 2016) (GIRARDI e MARTINS-BORGES, 2017) e conflitos relacionais (LEÃO et al., 2018).

Ainda a respeito das intervenções das terapeutas ocupacionais no campo, é importante apontar as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como um recurso que aparece de maneira expressiva nos relatos das participantes. As PICs se tratam de uma nova perspectiva de atenção à saúde viabilizando outras compreensões de saúde-doença, que oferece ao sujeito a participação e corresponsabilização no processo de cuidado, que não condiz com a substituição da medicina convencional, mas sim com a sua complementação (COFFITO). Esses recursos tradicionais de cuidado à saúde apresentam uma interessante ferramenta para apreender diferentes exercícios que podem fazer parte do cotidiano dos estudantes em vista promoção à saúde mental no dia a dia, como o aumento da autonomia a partir do conhecimento de si, construção de redes de suporte, potencializados pelos encontros e criação de estratégias de enfrentamentos as situações difíceis vivenciadas (FURLAN, P. G. et al, 2021). Além disso, as modificações do ensino, em razão da pandemia do Covid-19, mostraram a praticabilidade das competências da terapia ocupacional, também, para encarar novas demandas de adaptações e dificuldades dos estudantes, envolvendo as PICS como atividades em potencial.

Estes achados dialogam com os documentos que regulamentam a profissão, como o conselho federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), que compreende o

terapeuta ocupacional como o profissional que busca verificar os possíveis fatores envolvidos no comprometimento dos fazeres realizados no cotidiano da pessoa, dentro do seu contexto. Em relação ao campo de saúde mental, esse profissional se configura a partir de ações contra hegemônicas, ou seja que contesta normativas impostas, assim como busca se aproximar dos sujeitos para a compreensão e construção de outros modos de vida, rompendo com o comportamento moral e normativo que é comum estar presente em muitas instituições (CONSTANTINIDIS; CUNHA, 2016) Diante da capacidade de reconhecer os reflexos da organização sociocultural e de como essas composições e relações podem provocar tanto sofrimento quanto potencialidades para ser e estar no mundo, o terapeuta ocupacional apresenta características bastante pertinentes para estar tanto na gestão, quanto diretamente na atenção à saúde mental dos estudantes universitários.

E tudo isso dialoga com o que elas percebem enquanto potencialidades da terapia ocupacional neste campo, de modo que elas ressaltam as particularidades que o contexto universitário apresenta como potenciais para o sofrimento do estudante, referindo-se aos desequilíbrios das atividades acadêmicas, que estão relacionados diretamente com a valorização da produtividade quantitativa de trabalhos acadêmicos, que interferem no tempo livre para a realização de outros fazeres na universidade ( LEÃO, et al, 2018), as diferentes condições de vida para manter-se e existir na universidade e os aspectos culturais que envolvem a violência que os estudantes vivenciam (GIRARDI e MARTINS- BORGES, 2017) (JUNIOR e col., 2016)

E com isso, vislumbram com facilidade sobre o que deveria estar envolvido em uma estratégia de cuidado em saúde mental, como: o mapeamento dos espaços de cuidado, tanto dentro do ambiente acadêmico quanto fora; a discussão de conceitos que contribuem com a objetividade e praticabilidade do serviço pelos profissionais; a formação técnica dos profissionais; a presença de uma equipe multidisciplinar; a articulações intersetoriais, que se apresentam como redes em teia para pensar no cuidado/suporte/apoio dos estudantes; a criação de espaços de lazer dentro da universidade e a construção de espaços convidativos para os profissionais trabalharem e os estudantes serem acolhidos. É necessário ressaltar que a universidade é uma instituição de educação que tem como papel assegurar o direito à educação para todos desde 1988, com a constituição cidadã. E a concretização dessa legislação demanda investimento na política de permanência estudantil, que reverbera em diferentes ações em vista do estímulo do profissional da saúde para a construção de estratégias para o cuidado com o estudante, que condiz diretamente com o objetivo da

PNAES, que busca assegurar, por meio

37

da assistência, ações que promovam “democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal” (BRASIL, 2010)

Isso posto, sinaliza-se que a/o profissional terapeuta ocupacional apresenta competências que dialogam com o campo da saúde mental de forma geral, configurada pela teoria da atenção psicossocial, que compreende a saúde mental não apenas como a necessidade e reconhecimento de diferentes saberes, como também a valorização da subjetividade do sujeito (AMARANTE, 2017). E por tanto, a importância no contexto da universidade, considerar que as estratégias devem ser pensadas e planejadas para muito além da atenção ao usuário individualmente, tendo em vista as dimensões sociais, culturais e econômicas que estão relacionadas com a saúde mental dos estudantes, o que perpassa pela promoção à saúde mental, atenção estratégica, estruturação (reestruturação) das políticas de permanência estudantil, das dinâmicas curriculares, relações institucionais, ambientes de convivência, atividades de arte e cultura, envolvimento de setores sociais e da saúde do território e a identificação e compreensão das necessidades da população estudantil.

As participantes também discorreram sobre como percebem o perfil dos usuários que chegam aos serviços de atenção na universidade, sendo esses: mulheres, estudantes bolsistas, ingressantes e concluintes. A percepção sobre a presença das mulheres, condiz com os estudos que demonstram o sexo feminino como um grupo em potencial para o sofrimento psíquico (ADOVANI et al., 2014; NEVES, DALGALARRONDO, 2007) (LEÃO, et al 2018), no entanto, é importante ressaltar que estamos atribuindo características as pessoas que chegam ao serviço, e isso não exclui a ideia de que apenas mulheres sofrem, mas que essas são mais propensas, culturalmente, a pedirem ajuda. Já a identificação de estudantes bolsistas, e ingressantes e concluintes, corrobora com a implementação tanto do Programa de Ações Afirmativas, criado em 2003, que permitem a entrada de pessoas em condições desfavoráveis socialmente, quanto a Política Nacional Assistência Estudantil (PNAES), que foi decretado no ano de 2010, que tem por objetivo viabilizar a permanência dos estudantes que se encontram em situações e condições que comprometem a sua continuidade na universidade (BRASIL, 2010). A presença desses estudantes demonstram a necessidade da sistematização desses dados para que exista a compreensão da caracterização e a necessidade

e demandas desse público e concebendo assim os impactos do programa de ações afirmativas na atenção à saúde mental desses estudantes.

Ainda diante das particularidades das populações discentes atendidas, foram observadas dificuldades emocionais em vista da lógica de produções massivas de trabalhos, das relações conflituosas, com professores e familiares e amigos, dificuldades de adaptação a

38

contextos sociais e culturalmente diferentes e das condições financeiras como implicações a permanência. Esses achados conversam diretamente com os estudos presentes na literatura, tendo em vista os levantamentos realizados pela FONAPRACE e outros estudos que se preocupam em identificar as demandas que comprometem a permanência dos estudantes. O ingresso e permanência na universidade promove mudanças ocupacionais significativas e quando não acompanhados e orientados podem ocasionar sofrimento. Segundo Andrade (2010) o caminho para tornar-se adulto envolve autonomia, independência e responsabilidades no desenvolvimento de novas ocupações. A terapia ocupacional apresenta ferramentas que viabilizam apoio/suporte aos estudantes que enfrentam essa nova etapa do ingresso na universidade compreendendo as necessidades dos diferentes perfis e momento de entrada e saída, que podem apresentar dificuldades sócio econômica ou socioculturais.

Desse modo fica evidente a importância desse estudo e a sua continuidade, uma vez que existem a escassez de estudos que tratem da terapia ocupacional nesse campo, mesmo que esses profissionais existam no exercício da assistência à saúde mental dos estudantes em algumas universidades. Sendo, portanto, necessário a divulgação de trabalhos realizados por esses profissionais que tanto tem a contribuir com permanência estudantil, justificando suas potencialidades nesse espaço de cuidado. Diante dessa falta de conhecimento e estudos houveram dificuldades para encontrar mais profissionais presentes nesse campo o que reafirma a indispensabilidade de mais pesquisas sobre as ações e intervenções na área aqui estudada.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos do presente estudo foram identificar, junto a terapeutas ocupacionais que trabalham ou já trabalharam na assistência à saúde mental de estudantes universitários sobre

como percebem as possibilidades da terapia ocupacional nesse contexto. Os resultados obtidos demonstraram que as terapeutas ocupacionais participantes destacaram suas habilidades de contextualizar o sujeito na universidade, promovendo assim tanto ações intersetoriais de atenção aos estudantes, quanto o acompanhamento dos mesmos a partir de utilização de atividades coletivas e individuais. Além disso, foi possível identificar as PICS nas práticas das participantes, como um recurso que viabiliza a promoção, prevenção e recuperação, favorecendo a saúde mental dos alunos.

Nessa direção, foi possível observar a percepção das participantes sobre o diferencial do profissional terapeuta ocupacional nesses espaços de cuidado, potencializando as ações da assistência em vista da compreensão da necessidade de participação de diferentes atores que possam estar envolvidos no cotidiano do sujeito e o investimento na criação de espaços coletivos como possibilidades de fomentar diferentes formas de existir e pertencer a universidade.

De forma geral as participantes consensuam a respeito das competências e potencialidades referentes ao trabalho da terapia ocupacional no campo da assistência à saúde mental de estudantes universitários, como destacando a sua importância na gestão do serviço, nos empréstimos de olhares a universidade a respeito das identificações de fatores com potenciais de riscos e proteção aos estudantes, na valorização da singularidade e diversidade desse grupo e na compreensão da presença das estruturas sociais que se refletem na universidade. Discorrendo assim, suas percepções a respeito do que existe, com desafios a serem enfrentados, e do que esperam que haja na estrutura do serviço para se efetivar as práticas de cuidado.

Muitos desafios são postos pelas participantes, como a insalubridade dos espaços físicos que ocupam ou a falta de espaços, a resistência às novas ideias e as dificuldades financeiras para capacitação de profissionais e outras ações, que prejudicam diretamente o processo de planejamento e organização dos serviços de atenção à saúde mental dos estudantes universitários. Somado a isso, é importante também dizer que a lei de cotas oferece a entrada de novos perfis na universidade, que devem ser melhor analisados e compreendidos para viabilizar as necessidades e demandas desse novo grupo e, para isso, vale apontar a necessidade de novos estudos que se debrucem sobre esta realidade.

Observa-se que o estudo teve dificuldade em encontrar terapeutas ocupacionais para além da região sudeste e centro-oeste, o que levanta a hipótese de que este é um campo em

desbravamento na terapia ocupacional brasileira, seja no que se refere à prática ou à produção de conhecimento, apontando a necessidade de se pautar essa questão nos diferentes fóruns relativos à profissão.

De qualquer forma, os objetivos deste estudo foram atingidos e os resultados apresentam elementos que podem ser levados em consideração na formulação de novas questões de estudo e, também, no desenvolvimento de planejamentos e estratégias de ação mais efetivas direcionadas à população de estudantes universitários que reconheçam a terapia ocupacional enquanto uma possibilidade de composição e criação de novas práticas de cuidado à saúde mental que fortaleçam a permanência dos estudantes nesse período de suas vidas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABOUT OCCUPATIONAL THERAPY. **wfot.org**, 2019. Disponível em: <<https://www.wfot.org/about-occupational-therapy>>. Acesso em: 28 de nov de 2019

ADOVANI, Ricardo da Costa et al. Vulnerability and psychological well-being of college student. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.02-10, 2014. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>.

ALBUQUERQUE, Larissa Cavalcanti. Assistência estudantil como política de permanência na UFPB. Orientador: Maria Nazaré Tavares Zenaide. 2017. 182 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9919/2/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017. 108 p

ANDRADE, Cláudia. Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. **Análise Psicológica**, Coimbra, p.255-267, 2010

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. SNOWBALL (BOLA DE NEVE): UMA TÉCNICA METODOLÓGICA PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES, SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 2011, Curitiba. **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. Curitiba: Educere, 2011. p. 329 - 341.

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES. Disponível em: . Acesso em: 20 out. 2021.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; LOUREIRO, Sonia Regina. O Impacto das Habilidades Sociais para a Depressão em Estudantes Universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 32, n. 4, p.01-08, 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e324212>

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. RESOLUÇÃO Nº 500, DE 26 DE DEZEMBRO DE 2018. Reconhece e disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, define as áreas de atuação e as competências do terapeuta ocupacional especialista em Contexto Escolar e dá outras providências. Curitiba: Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2018. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>. Acesso em: 7 ago. 2007.

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional . RESOLUÇÃO COFFITO Nº 383, de 22 de dezembro de 2010. Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. COFFITO: Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2010. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3146>. Acesso em: 7 ago. 2020

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Definição de Terapia Ocupacional. Disponível em: <[ttps://www.coffito.gov.br/nsite/?page\\_id=3382](https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382)> Acesso em 21 de outubro de 2021

COFFITO. O Brasil é líder em oferta de PICS na atenção básica. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Brasília - DF, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=9110#more-9110>> Acesso em: 12 de outubro de 2021

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; CUNHA, Alexandre Cardoso da. Desistitucionalizando conceitos: a terapia ocupacional em busca de um (novo) lugar no cenário da saúde mental. São Carlos: Edufscar, 2016. 37-58 p

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti; SILVEIRA, Franciene Aparecida da. Ensino superior e política de assistência estudantil: repensando a formação universitária. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 40, p.224-250, 27 jul. 2018.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em bola de Neve e Respondent- Driven Sampling: uma descrição dos métodos**; 2013. 53 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estatística, Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence>. Acesso em: 21 abr. 2020.

FREDENHAGEM, Sheyla et al. A VOZ DA EVASÃO. **instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília**, Brasília, v. 1, n. 2, p.02-19, 10 set. 2012.

FURLAN, Paula Giovana; FARIA, Caroline Beier; YOSHIDA, Karina Kaori; KAYASIMA, Caroline; SIMÕES, Bianca R. L.; LAMBAIS, Gabriela. PRÁTICAS INTEGRATIVAS PARA O CUIDADO EM SAÚDE E O SUPORTE SOCIAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: YOGA, MEDITAÇÃO E REIKI. **Cadernos da Pedagogia**, [s. l.], v. 15, ed. 31, p. 150-161, janeiro/abril 2021. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1543>. Acesso em: 20 out. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. 114 p. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GIRARDI, Júlia de Freitas; MARTINS-BORGES, Lucienne. **Dimensões do sofrimento psíquico em estudantes universitários estrangeiros**. *Psico*, [s.l.], v. 48, n. 4, p.256-263, 27 dez. 2017. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2017.4.26143>.

HAHN, Michelle. Estudo da clientela de um programa de atenção em saúde mental junto ao estudante universitário de são carlos. Orientador: Marcos Pacheco Toledo Ferraz. 1994. 148 p. Dissertação (Mestre em saúde mental) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

IMPERATORI, Thaís Kristosch. A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. **Serviço Social & Sociedade**, [s.l.], n. 129, p.285-303, ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.109>

LEÃO, Andrea Mendes et al. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [s.l.], v. 42, n. 4, p.55-65, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4rb20180092>.

MACHADO, Jardel Pelissari; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. Direito ou benefício? Política de assistência estudantil e seus efeitos subjetivos aos universitários. **Estudos de Psicologia**, [s.l.], v. 21, n. 4, p.477-488, 2016. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160046>.

MURTHY, Rangaswamy Srinivasa et al. **RELATÓRIO MUNDIAL DA SAÚDE: Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra: Ministério da Saúde Direcção-geral da Saúde, 2001. Disponível em: [https://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_po.pdf](https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_po.pdf). Acesso em: 28 de novembro 2019

NEVES, Marly Coelho Carvalho; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **J Bras Psiquiatr**, Campinas, p.237-244, 30 nov.

2007.

PENSO, Maria Aparecida; SENA, Denise Pereira Alves de. A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Revista Sociedade e Estado*, [s. l.], ano 2019, v. 35, ed. 1, p. 01-22, janeiro/abril 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/rLfXhwgd7qgpBzMSrjwFXmj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

PICS - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Conselho Federal e Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, [s.d.]. Disponível em: <<https://coffito.gov.br/campanha/pics/index.php?nome=principal>>. Acesso em: 12 de outubro de 2021

SANTOS JÚNIOR, Amilton dos et al. EXPERIÊNCIAS PERCEBIDAS DE DISCRIMINAÇÃO E SAÚDE MENTAL: RESULTADOS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS. *Serv. Soc. & Saúde*, Campinas, v. 15, n. 2, p.273-278, Jul./Dez. 2016.